

RELIGIÃO, FUNDAMENTALISMO E DINÂMICAS SÓCIO-CULTURAIS NA HISTÓRIA: SUBSÍDIOS PARA A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Gidalti Guedes da Silvaⁱ

Maria do Carmo dos Santosⁱⁱ

RESUMO: Refletir acerca dos conflitos e do fundamentalismo religioso na sua relação com as dinâmicas sócio-culturais no decorrer da história. Este é o objetivo deste trabalho, que pressupõe a religiosidade como um dado antropológico, um fenômeno próprio do humano, que se manifesta de modo singular em cada momento histórico, a despeito de se dar ou não pelo viés de estruturas religiosas institucionalizadas, numa intensa relação com o ambiente sócio-cultural. O texto possui duas linhas que, juntas, compõem a tessitura da reflexão. A primeira trata da religiosidade nas sociedades humanas, considerando três estágios: a pré-modernidade, que tinha as explicações religiosas por paradigma; a modernidade, que tomou a razão científica e a crença no constante progresso das sociedades humanas por verdade absoluta; e a pós-modernidade que, diante de insatisfações existenciais e éticas da modernidade, caracteriza-se pela ausência de absolutos, a não ser aqueles ditados pelo mercado e pelo consumo. A segunda linha identifica modos como a religião é vivenciada como instrumento ideológico, mecanismo de submissão cultural, exclusão social, domínio e fundamentalismo. A reflexão finda por evidenciar que as intenções humanas de domínio, controle e homogeneização permeiam tanto discursos religiosos quanto científicos. Também, destacam-se as dinâmicas próprias da sociedade contemporânea, ainda marcada por fundamentalismos religiosos, numa reação às crises das instituições tradicionais e ao relativismo.

PALAVRAS-CHAVE: História; cultura; fundamentalismo religioso.

INTRODUÇÃO

O Seminário de Educação Religiosa, promovido pela Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (08, 09 e 10 de março de 2010), nos levou a produção deste artigo, que tem por preocupação refletir acerca da religião e do fundamentalismo na relação com as dinâmicas sócio-culturais no decorrer da história.

O texto possui duas linhas que, juntas, compõem a tessitura destas reflexões. A primeira trata da religiosidade nas sociedades humanas, considerando três estágios que são: a pré-modernidade, a modernidade e a pós-modernidade. A

segunda linha procura identificar modos como a religião é utilizada como instrumento ideológico, mecanismo de submissão cultural, exclusão social, domínio e fundamentalismo.

O conhecimento dos processos de construção da cultura é fundamento para o docente da educação religiosa, pois além de compor saberes próprios das ciências da religião, auxiliam a identificar como o fundamentalismo permeia a sociedade contemporânea e o próprio docente, que dela participa.

1. CULTURA PRÉ-MODERNA E CONFLITOS RELIGIOSOS

As sociedades antigas explicavam a realidade por meio da religião. Os deuses eram responsáveis pela chuva, pelos trovões, pela fúria do mar, pelas doenças e curas. Segundo Harvey Cox,

O homem pré-secular [pré-moderno] vive numa floresta encantada. Os vales e bosques estão infestados de espíritos. As rochas e os riachos são vivos e encerram demônios amigos ou diabólicos. A realidade está carregada de poderes mágicos que surgem aqui e ali para ameaçar ou beneficiar o homem (1968, p.32).

23

Ainda hoje, as sociedades, grupos ou pessoas que não foram plenamente alcançadas pelo racionalismo moderno buscam encontrar explicações e dar sentido a muitos fenômenos naturais valendo-se da religião, do mito, das crendices e superstições. A natureza é tratada como uma extensão das divindades e está no culto e na espiritualidade popular. Mundo material e o mundo das divindades integravam a mesma realidade.

Esta forma de dar sentido à existência também envolve as relações de poder e a forma de organização social. Religião, economia e política estavam intrinsecamente relacionadas. Por exemplo, os cristãos medievais buscavam respostas na teologia. O discurso religioso organizava a sociedade basicamente em três partes: a *nobreza*, o *clero* e os *servos*. Acreditava-se que Deus era responsável por isso, que ele havia criado a sociedade dessa forma. Também, a moral e os costumes eram estabelecidos pela Igreja.

Vale ressaltar que, no tocante às relações entre diferentes grupos religiosos, deve-se compreender que até o estabelecimento da aliança entre os cristãos e o Império Romano (século IV), havia uma permissividade. Mesmo entre os impérios

anteriores (*assírios, babilônios, persas e gregos*), havia relações de tolerância e sincretismos entre o grupo dominante e os dominados. Prova disto é a formação da cultura helênica, construída a partir da filosofia grega em síntese com pensamentos e religiões de outros povos.

A aliança com o Império Romano influenciou também em questões internas do cristianismo, que até Constantino possuía toda uma diversidade de espiritualidades. Porém, a estatização da religião cristã promoveu a homogeneização dos dogmas e ritos cerimoniais, constringendo as manifestações específicas das culturas regionais. Foi a partir deste momento que o cristianismo pretendeu-se universal, numa relação de negação contundente a outras manifestações religiosas.

Enquanto o oriente permaneceu com uma pluralidade de religiões, o ocidente passou a ser caracterizado pela presença de uma única religião que se sobrepujava às demais, demarcando territórios, perseguindo aqueles que se negavam a aceitar seus credos. A reação do oriente logo veio, com o fortalecimento de outra religião monoteísta, o Islamismo, que dominou grande parte do Oriente Médio e o norte da África, chegando também à Península Ibérica. As tensões entre os povos cristãos e islâmicos tiveram um ápice nas Cruzadas, que teve como principal justificativa a questão religiosa.

Temos até aqui alguns pontos importantes: primeiro, que o ser humano se valia das explicações religiosas para dar sentido ao todo de sua existência; e, segundo, que a religião frequentemente foi utilizada como instrumento de domínio (*ou insurreição*) e como justificativa moral para quaisquer intentos políticos e econômicos. Por vezes, a experiência de fé deixou de promover a vida e a esperança, estando à mercê de interesses de outra ordem, causadores de exclusão e morte.

2. MODERNIDADE VERSUS FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

No século XVI, a cristandade ocidental enfrentou uma crise de espiritualidade, por influência do fortalecimento da burguesia, do surgimento dos estados nacionais e do Renascimento, dos conflitos de poder entre o clero. A visão de mundo das pessoas mudou, pois começaram a desconfiar das explicações dadas pela religião oficial e buscaram argumentos com maior fundamentação nos clássicos.

Desencadeou-se o humanismo e a Reforma Protestante, que questionaram o poder de Roma, os dogmas da Igreja e a própria estrutura social vigente.

A *verdade da fé cristã* se viu institucionalmente enfraquecida, pois agora outras explicações religiosas e filosóficas foram construídas. Sob ameaça, a Igreja instalou a contra-reforma, a Inquisição e defendeu a teologia neo-escolástica, que colocou os avanços e propostas da modernidade sob suspeita.

Este também foi o tempo da expansão marítima e comercial. Enquanto os países europeus caminhavam para a modernidade, uma nova sociedade medieval era estabelecida nas colônias de Portugal e Espanha. No contato com as culturas ameríngia e afro, cristãos deram continuidade a uma política de evangelização compulsória, impondo sua fé, negando e demonizando o diferente. A escravidão e a espoliação econômica de milhares de pessoas foram moralmente desculpadas pelo argumento religioso.

As transformações sociais e culturais ficaram cada vez mais fortes no século XVIII. A *modernidade* acabava de chegar com grandes descobertas científicas, com o Iluminismo, com a Revolução Industrial, com o crescimento das cidades e o fortalecimento do capitalismo. Este período também foi marcado por um fenômeno conhecido como *secularização*, que, Segundo Peter Berger,

[...] é mais que um processo socioestrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação [...]. O ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas (1985, p.119).

Com o passar dos tempos, a comunidade científica não julgava mais necessária qualquer explicação ou sentido religioso para a realidade. As ciências seculares passaram a tratar de todos os assuntos referentes à natureza, enquanto que a teologia reduziu drasticamente sua área de atuação e ficou confinada aos centros de estudos teológicos, preocupada em tratar de temas mais intimistas, existenciais e emocionais.

Harvey Cox defende que para alguns estudiosos, estes acontecimentos libertaram o ser humano da tutela religiosa e metafísica e,

[...] o processo estrepitoso de modernização não é algo que os cristãos devem temer. Devemos festejá-lo. Trata-se de uma das maneiras pelas quais Deus trabalha para libertar os homens do cativeiro. Não é uma maldição negra nem uma bênção pura. É, antes, uma oportunidade, um chamado à maturidade, exigindo dos indivíduos e das sociedades que

escolham, em plena consciência, onde desejam ir e o que desejam ser. Sou da opinião de que o lugar em que surge este senso de resposta humana, é, também, o lugar em que o cristianismo está agindo na história. Deus é mais plenamente Deus onde o homem se torna mais plenamente homem (op cit, p.8).

Harvey Cox (1985) justifica esse otimismo para com a modernidade afirmando que somente a sociedade secular apresenta um cenário ideológico-cultural favorável para o pleno desenvolvimento do potencial humano por meio das ciências, na busca de superação das mais diversas ambigüidades e limitações humanas. Além do que a modernidade oferece ao ser humano a oportunidade de escolha, negando as amarras científicas, culturais, sociais e políticas impostas pelos dogmas da religião medieval. A sociedade estava marcada pela confiança nas ciências, no progresso, na indústria e no mercado.

Diante do forte impacto da secularização, até mesmo a teologia se viu obrigada a dialogar com metodologias científicas, a exemplo do que ocorreu com o estudo dos textos bíblicos a partir da hermenêutica histórico-crítica. Biblistas reconheceram os gêneros literários e negaram a interpretação literal de algumas passagens (como os relatos de Gênesis 1 a 11). Também alguns dogmas cristãos foram colocados em cheque, ou reapropriados de modo alternativo à ortodoxia. Esse movimento foi denominado *teologia liberal*.

26

Em oposição aos liberais e considerando-os ‘hereges modernos’, surgiu um movimento teológico entre os protestantes norte-americanos. Eles se autodenominaram fundamentalistas, pois se consideravam pessoas firmadas em elementos fundamentais da fé cristã, isto é, “naquele mínimo de convicções, sem as quais não se haveria de admitir que alguém se presuma cristão” (HORDERN, 1979, p.64) ⁱⁱⁱ.

Os fundamentalistas contendiam diretamente contra os cientistas (especialmente positivistas e evolucionistas) e contra os teólogos liberais, ficando conhecidos por seu radicalismo. Além dos debates inflamados e forte estratégia de multiplicação de suas idéias, os fundamentalistas se valiam de outras estratégias, pleiteando cargos eclesiásticos e assumindo a liderança de instituições teológicas, com vistas à implantação de seu modo de pensar.

Desde então, usualmente, o termo fundamentalista assumiu um sentido pejorativo, como um adjetivo a pessoas e/ou grupos que assumem seus dogmas

religiosos como verdade absoluta, ignorando quaisquer questionamentos científicos e sem estabelecer um diálogo harmonioso com pessoas de outra confissão de fé.

O fundamentalismo religioso tomou força em meio aos grandes avanços da ciência, em meio a todos os processos de secularização. Por mais que a razão científica e o progresso moderno tenham assumido o posto de nova *verdade*, tomando a *fé* por inferior e primitiva, o fenômeno religioso persistiu, sorrateiro, assumindo novas formas ou reafirmando as antigas.

3. A PÓS-MODERNIDADE E SEUS CONDICIONANTES PARA A RELIGIÃO

Vimos como a busca do sagrado foi substituída pela crença de que a razão científica e o progresso fariam o ser humano evoluir naturalmente, superando suas limitações e ambiguidades. De fato, foram muitas descobertas e contribuições das ciências no campo da produção de alimentos, na medicina, nos transportes, no mundo da informática, na produção energética, corroborando para a superação de tantos males que afligem a humanidade.

Entretanto, o antropocentrismo iluminista, a secularização e os avanços científicos tiveram efeitos colaterais. O século XX foi palco de muitas decepções. Apesar do avanço científico, as guerras, a fome, a miséria, as injustiças e muitas doenças ainda são resultado das ações humanas. Nos últimos tempos, surgiu uma insegurança nas pessoas. A razão científica que se portava como “dona da verdade” caiu em certo descrédito. Muitos argumentos científicos, reconhecidos anteriormente como neutros e imparciais, agora ficam sob suspeita (tal como os argumentos religiosos), pois por vezes se encontram subordinados aos interesses do mercado, alheios a princípios éticos, desprendidos de uma preocupação com a preservação da vida.

No trato à questão religiosa, a modernidade ocidental também cometeu equívocos. Tratando do tema, Mario Sergio Cortella afirma:

Grande assombro! Um século após, com uma exuberância tecnológica que faria corar a Zeus e seu séquito, o Ocidente dá-se conta de um deslize: as atribulações que germinam a religiosidade e a atitude filosófica permanecem. A procura pelo sentido (em duas acepções básicas: significado e direção) não fenecera e as maravilhas da racionalidade tecnicista mitigaram as dores do corpo necessitante, mas não acalmaram as angústias e inseguranças do espírito inquietante (2007, p.14).

Estas insatisfações do mundo moderno originaram um fenômeno sócio-cultural denominado *pós-modernidade*, que tem influenciado significativamente a forma como os seres humanos vivenciam e significam sua existência na atualidade. *Jean François Lyotard* (1990) sagrou-se por apresentar uma análise sobre a condição pós-moderna. Ele reconheceu que a sociedade contemporânea se estrutura a partir de um novo paradigma, isto é, novos condicionantes sociais, tecnológicos, econômicos e culturais. Vejamos alguns deles.

a) A ausência de uma verdade universal

Na modernidade, a *razão* tomou da religião o lugar de destaque. Na pós-modernidade, a crise da razão gerou a ausência de uma verdade universal e abriu espaço para uma pluralidade de razões e sentidos. Neste contexto, a religião retoma sua força e mais e mais pessoas recorrem à fé como fonte de alegria e sentido de vida; porém não se trata de uma religião institucional, mas individualizada, restrita ao mundo privado e intimista.

b) O consumismo e mercado religioso

28

Dia-a-dia, sem uma verdade em que acreditar, o ser humano perde o sentido da vida, procurando algo mais concreto em que se apegar. É quando as pessoas se voltam às coisas materiais, não importando mais quem se é, mas o que se tem. Na ausência de um sentido maior para a vida, imperam as lógicas do mercado e do consumo, que adquirem novo sentido, transcendendo ao campo econômico, assumindo o lugar de novo paradigma existencial.

Mesmo quando consideramos o caso da cultura brasileira, que oferece certos obstáculos à implementação de relações marcadas pela impessoalidade, o consumismo culturalmente impregnado via mídias promove uma crise ética e moral

iv.

No consumismo, tudo é efêmero e experimentado por sua utilidade presente, sem preocupações éticas. É quando as pessoas viram coisas, a religião vira mercado e o sagrado é vivenciado como fonte de satisfação emocional momentânea, ou como agente mágico que promove a prosperidade econômica e

acúmulo de capital. Em meio à pluralidade de formas institucionais de experiência religiosa no mundo, existe um “deus” que por todos é adorado, o dinheiro e suas lógicas de poder^v.

c) Relativização das tradições

Sob impacto do *consumismo*, o desejo pelo novo proporciona um constante reformular da vida, dos estilos, das modas, da fé. É quando as grandes tradições do passado perdem sua força. Os jovens não mais constroem sua identidade somente a partir de suas tradições familiares. Na cultura urbana pós-moderna, as tradições foram relativizadas, e qualquer instituição que se baseie em modelos antigos firmados em tradições intocáveis torna-se obsoleta e ineficaz.

No mundo do mercado, os momentos de encontro da família são bruscamente reduzidos pela força de sua rotina de trabalho e outras atividades. Somando-se a isto, dia-a-dia aglomeram-se nas metrópoles pessoas de origens distintas, compondo um cenário cultural absolutamente heterogêneo, cosmopolita. Também, os recursos da informática propiciam às culturas locais um conhecimento global. Milton Santos (2001) constata que os meios de comunicação ampliam o pluralismo cultural, quando introduzem, virtualmente, em nossos espaço e tempo reais outros espaços, tempos e culturas presentes em cidades e países distantes da metrópole.

Neste contexto, as pessoas entram em contato constante com tradições familiares e religiosas diferentes, os vínculos familiares e as culturas locais são relativizadas e perdem seu papel de manutenção das tradições religiosas.

d) Tendência ao fundamentalismo religioso

Os condicionantes da pós-modernidade abordados até o momento (a ausência de uma verdade universal, o consumismo e a relativização das tradições) contribuíram para a expansão do universo das culturais locais, e colocaram os mais variados povos diante do desafio de conviverem com a verdade do outro. É quando seguimentos religiosos, vendo suas verdades relativizadas e as tradições enfraquecidas, adotam uma postura de radical negação do diferente.

Entretanto, algumas destas reações não podem ser compreendidas de modo simplório. Muitos grupos assumem uma postura de resistência cultural diante das lógicas hegemônicas, adotando políticas de fortalecimento e perpetuação de sua cultura, religião, costumes, valores familiares. Diante dos processos de globalização econômica e cultural, qualquer manifestação religiosa específica que questione os valores e estilo de vida proposto pelo mercado sofre duros questionamentos. A globalização relativiza valores e culturas locais, enquanto se universalizam os valores da sociedade capitalista.

Urge o resgate das culturas autóctones, pois quanto mais desagregado um povo, menor sua consciência de grupo e sua capacidade de organização sócio-política, ficando a mercê de intenções econômicas que, embora aprovadas pela moral capitalista, são anti-éticas e passivas de questionamento^{vi}.

No entanto, a revelia de qualquer movimento de resistência cultural, presenciamos o retorno do fundamentalismo religioso. Ele ocorre como ao pluralismo pós-moderno, caracterizado pela multiplicidade de conceitos, valores, doutrinas e espiritualidades. A angústia de viver em um mundo plural e carente de absolutos faz com que muitos sigam a busca de algo mais sólido, que as satisfaça existencialmente. Neste caminho, pessoas se permitem guiar pelo fundamentalismo religioso. O discurso fundamentalista apresenta uma única verdade, uma forma restrita de compreender a realidade, que se afirma a partir da negação do diferente, chegando a inspirar a discriminação e a exclusão de indivíduos ou grupos que professam outra fé. Alguns casos chegam ao extremo de instigar a violência física e a guerra.

É comum identificarem o fundamentalismo religioso manifesto institucionalmente, quando representantes oficiais adotam a postura de ataque a outros credos religiosos, além de incitar seus fiéis a excluírem os diferentes. Este quadro toma força quando recebe a influência das lógicas de mercado, quando uma competição é instalada na busca dos fiéis. Isto ocorre até mesmo entre grupos da mesma religião, mas que se excluem e criticam, concorrendo para saber quem oferece o melhor “produto” e conquista mais “clientes”.

Porém, devemos ter atenção especial, pois o fundamentalismo também se manifesta de outra forma, quando condiciona os sentimentos e as interpretações de mundo dos cidadãos, comprometendo significativamente as relações cotidianas entre vizinhos, no trabalho, na associação de bairro e na escola. De modo velado ou

declarado, grupos religiosos demarcam territórios, pois o fundamentalismo compromete as escolhas pessoais. A postura religiosa fundamentalista dificulta a formação de cidadãos, pois coloca um grupo religioso ou ideológico específico acima da coletividade, impedindo que o espaço público seja lugar de convergência e busca do bem comum.

CONCLUSÃO

Neste artigo, o fenômeno religioso foi analisado em sua relação direta com dinâmicas sócio-culturais na história. Desde o mundo da pré-modernidade, passando pelas intensas transformações do mundo moderno e, por fim, chegando às dinâmicas e condicionamentos culturais contemporâneos. Diante desta análise, devemos ponderar sobre algumas questões de maior importância para a capacitação de docentes do ensino religioso.

Devemos reconhecer a religiosidade como dado antropológico, isto é, como manifestação própria do ser humano, inerente a quaisquer formas de expressão cultural. Paul Tillich apud Ruedell (2007) apresenta “a religião como experiência do sagrado na profundidade e totalidade do ser humano e que perpassa a história da humanidade”.

Mesmo diante dos vorazes processos de transformação do mundo moderno, elegendo a razão científica como pilar do conhecimento, a dimensão religiosa da existência humana não pôde ser suprimida. O que torna a existência humana singular não é somente sua capacidade de pensar, mas também de sentir e buscar a experiência do sagrado.

Outro ponto importante é que no decorrer da história, o fenômeno religioso tem sido utilizado como instrumento de conformação, controle e domínio de grupos específicos e massas populares. As lógicas de poder e estruturas sócio-políticas vigentes são moralmente legitimadas pelas religiões instituídas, que sofrem influência direta de elementos condicionantes da cultura. Aqui vale ressaltar o valor do constante diálogo entre o discurso religioso e a capacidade crítica do ser humano, que utiliza instrumentos de análise (empírica ou científica) para discernir se há coerência ética no discurso religioso.

É neste ponto que se evidencia o papel da educação religiosa para um processo de formação que busca superar o fundamentalismo religioso. Ao firmar-se nas ciências da religião, e não nas mais variadas teologias confessionais, a educação religiosa é componente curricular que promove o enfraquecimento de posturas fundamentalistas. O conhecimento do outro e de si próprio facilita o estabelecimento do diálogo e do estabelecimento de um *ethos*, um consenso mínimo entre cidadãos de credos diferentes.

Entende-se que uma alternativa para frear posturas religiosas que conduzem ao fundamentalismo é submeter a religião à crítica, sem incorrer nos equívocos do racionalismo moderno, mas reconhecendo o lugar próprio do fenômeno religioso na vida humana. Para tanto, a educação religiosa nas escolas públicas deve superar o modelo catequético, firmado em teologias confessionais, e balizar-se nas ciências da religião.

REFÊRNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro**. A arte de ser mais igual que os outros. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letra Viva, 2000.
- CORTELLA, Mario Sergio. “Educação, ensino religioso e formação docente”. In: SENA, Luzia (Org.). **Ensino religioso e formação docente**. Ciências da religião e ensino religioso em debate. São Paulo: Paulinas, 2007, p.14.
- COX, Harvey. **Cidade do homem**. A secularização e a urbanização na perspectiva teológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- FAUS, José Ignacio Gonzáles. **O desafio da pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- GARCIA, Jacinta Turolo (Org.). **Globalização e fé**. Bauru: EDUSC, 2000.
- HORDERN, William. **Teologia protestante ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

LIBÂNIO, João Batista e MURAD, Afonso. **Introdução à teologia**: perfil, enfoques, tarefas. Petrópolis: Loyola, 1996.

LIBÂNIO, João Batista. **As lógicas da cidade**. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.

LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

LYOTARD, Jean Fraçois. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENA, Luzia (Org.). **Ensino religioso e formação docente**: ciências da religião e ensino religioso em debate. São Paulo: Paulinas, 2007

SUNG, Jung Mo. **Desejo, mercado e religião**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SUNG, Jung Mo. **Deus numa economia sem coração**: pobreza e neoliberalismo, um desafio à evangelização. São Paulo: Paulus, 1992.

TILLICH, Paul apud RUEDELL, Pedro. **Educação religiosa**. Fundamentação antropológico-cultural da religião segundo Paul Tillich. São Paulo: Paulinas, 2007.

TRASFERETTI, José e GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs). **Teologia na pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2003.

VVAA. Teologia Pastoral. **Estudos de Religião**. Ano XI, nº 12. São Bernardo do Campo: Umesp, Dez/1996.

NOTAS

ⁱ Aluno do Mestrado em Educação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), bacharelou-se em Teologia (UMESP-2003) e especializou-se em teologia e história metodista (UMESP-2007). De 2004 a 2010, atuou como docente na Faculdade Metodista de Teologia e Ciências Humanas da Amazônia (Porto Velho-RO). E-mail: prof.gidalti@uol.com.br

ⁱⁱ Professora Doutora em Educação da Universidade Federal de Rondônia. Orientadora. E-mail: professoramc@gmail.com

ⁱⁱⁱ A polêmica entre liberais e fundamentalistas não ficou restrita aos seguimentos protestantes, mas tomou notoriedade, o que deu força para se cunhar o novo termo fundamentalismo.

^{iv} Isto está intimamente relacionado com a diferença entre o modelo de relações do mundo capitalista e o modelo brasileiro pré-industrial-rural. Enquanto o primeiro é regido pela submissão às leis impessoais e subordinado ao mercado, o segundo sofre a interferência das relações pessoais e afinidades. Cf. obras de Livia Barbosa e Roberto Da Matta.

^v Cf. as obras indicadas do Prof. Dr. Jung Mo SUNG, atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

^{vi} Em *Globalização e fé*, Jacinta Turolo GARCIA organiza vários artigos que retratam como, em manifestações religiosas de países do hemisfério Sul, as tradições religiosas mantêm vínculos familiares e transversais, opondo-se ao caráter desagregador e individualizante, globalmente difundido pelos países do Norte.